



EDITORIAL

A Engenharia que transforma o país

Atuar no mercado de infraestrutura hoje exige muito mais do que capacidade técnica operacional; demanda previsibilidade, rigor no cumprimento de prazos, governança corporativa e uma visão de longo prazo. Ao longo de quase 80 anos, a Carioca demonstrou resiliência e capacidade de adaptação, participando de projetos que transformaram a infraestrutura e a qualidade de vida nas principais regiões do país.

Olhando para a carteira de projetos atuais e futuros, seja em obras de mobilidade ou em intervenções de saneamento e infraestrutura portuária, nossa atuação busca unir a excelência da engenharia ao uso de novas tecnologias produtivas.

Contudo, o mercado de infraestrutura exige vigilância constante sobre os desafios do setor: a mitigação de riscos socioambientais e a constante busca por eficiência no ciclo de vida dos empreendimentos. A Carioca entende que o futuro das grandes obras passa pela inteligência construtiva, otimizando recursos, minimizando impactos no entorno e gerando valor para a sociedade.

Daniel Rizzotti
Diretor Geral





BR-381: UMA RODOVIA EM TRANSFORMAÇÃO

Quando o Consórcio Construtor BR-381, do qual a Carioca Engenharia faz parte, assumiu as obras desta rodovia, conhecida como Rodovia da Morte, o desafio ia muito além da execução de intervenções pontuais em uma via existente. Diferente de outras concessões que assumem rodovias já operantes, este é um projeto classificado como greenfield, o que significa que o consórcio precisou implantar toda a infraestrutura de operação e serviços do zero, enfrentando o desafio de transformar uma via historicamente negligenciada em uma rodovia moderna e segura. Com um investimento projetado de R\$ 6 bilhões ao longo de oito anos, a obra foca na duplicação e adequação da capacidade de 270 km da rodovia, entre Governador Valadares e Belo Horizonte.

O desafio inicial, e o maior até o momento, envolvia recuperar as condições de trafegabilidade da rodovia, implantar bases operacionais, preparar a infraestrutura para o sistema de cobrança automática de pedágio e executar uma série de intervenções para garantir mais segurança e qualidade aos usuários. Tudo isso em meio a desafios geotécnicos importantes e no prazo apertado de seis meses.

O primeiro trecho foi entregue em menos de quatro meses após o início das obras e o segundo em cinco meses. “Envolveu um trabalho intenso e ininterrupto, com atuação 24 horas por dia, sete dias por semana. Tivemos uma grande mobilização e engajamento de todas as equipes e conseguimos cumprir as metas estabelecidas”, conta o diretor de implantação do Consórcio Construtor, Ygor Junqueira Bastos. Essa antecipação permitiu a operação de praças de pedágio e a melhoria imediata para o usuário.

Figurando como uma das principais ligações

rodoviárias do país, a BR-381 conecta importantes regiões de Minas Gerais e o trecho que está sendo revitalizado se concentra em Governador Valadares e o trevo de Caeté. Ao longo desse percurso, ainda estão previstas intervenções que vão desde a recuperação e manutenção do pavimento até a ampliação da capacidade da rodovia, com previsão de conclusão até fevereiro de 2028.

Engenharia para diferentes tipos de pavimento

Entre os desafios técnicos da obra está a recuperação de aproximadamente 70 km de pavimento rígido existente na rodovia. Diferentemente do pavimento flexível, esse processo exige planejamento e precisão e cada intervenção pode demandar de dois a três dias até que o trecho esteja novamente liberado para os usuários.

Por isso, uma das soluções adotadas pelo Consórcio Construtor foi a incorporação de um equipamento importado dos Estados Unidos para a execução de furos destinados às barras de transferência das placas de concreto. A tecnologia reduziu de aproximadamente cinco ou seis minutos para cerca de 37 segundos o tempo necessário para a execução de cada furo.

Tecnologia em prol de uma obra de grande escala

A dimensão da obra também exige novas formas de acompanhar sua evolução. Nesse projeto, levantamentos topográficos, registros fotográficos e informações georreferenciadas são integrados em uma plataforma interna desenvolvida pela própria equipe. Com o uso de drones, também é possível acompanhar o andamento dos serviços, comparar diferentes momentos da obra e reunir informações sobre o terreno, os projetos e os serviços executados.

A operação conta com um Centro de Controle de Operações que monitora, em tempo real, grande parte dos equipamentos utilizados na obra. Por meio de sistemas de telemetria, é possível acompanhar a localização dos equipamentos, sua produtividade, consumo de combustível e movimentação entre diferentes frentes de trabalho.



A inovação também está presente na gestão. Um aplicativo desenvolvido internamente está sendo estruturado para apoiar o controle de medições, projetos, contratos e atividades de terceiros.

“A digitalização é uma ferramenta cada vez mais integrada à rotina da engenharia. Hoje, nossos levantamentos são feitos com drones e temos um banco de dados que permite acompanhar o antes e o depois das obras”, explica Ygor.

No campo da sustentabilidade, o canteiro de obras conta com uma usina solar própria para geração de energia e pontos de recarga para o teste de veículos híbridos e elétricos, que já começaram a ser integrados à frota.

O desafio de construir com a rodovia em operação

Outro aspecto que torna o projeto especialmente complexo é a necessidade de executar as intervenções com a rodovia em funcionamento. A dinâmica exige planejamento constante para reduzir o impacto sobre os usuários e manter a segurança durante a execução.

As variações de clima também são fator determinante. A região onde está sendo realizada a obra apresenta períodos de chuva intensa em algumas épocas do ano, demandando a criação de estratégias específicas para concentrar as principais frentes de execução durante o período seco e manter equipes preparadas para respostas emergenciais durante as chuvas.

“Em 2025, tivemos um deslizamento de talude que exigiu grande agilidade das nossas equipes. Implantamos desvios emergenciais e, em aproximadamente um mês e meio, a pista foi liberada. Esse episódio reforçou que é essencial termos a capacidade de responder rapidamente a imprevistos, sem perder de vista a segurança e a continuidade do tráfego”, reforça Ygor. ⚙️

BR-381 em números

- 270 km de rodovia sob intervenção.
- 106 km de duplicação.
- 40,4 km de faixas adicionais em pista dupla.
- 42 km de faixas adicionais em pista simples.
- 32 taludes previstos para estabilização.
- 20 passarelas.
- 166 pontos de ônibus.
- 150 mil toneladas de material asfáltico aplicadas na recuperação inicial.
- Pico de produção de cerca de 3 mil toneladas de massa por dia com sete usinas trabalhando simultaneamente.
- Mais de 1.000 profissionais envolvidos nas próximas etapas.



INOVAÇÃO COM PÉS NO CHÃO: O SUCESSO DO CARIOCA NEXT E O RECONHECIMENTO NO PRÊMIO TOP 50

Em um setor historicamente tradicional como a construção civil, inovar pode ser um desafio complexo. Contudo, a Carioca Engenharia vem provando que é possível promover uma transformação cultural em pouco tempo e gerando resultados expressivos. O motor dessa mudança atende pelo nome de Carioca Next, programa de inovação estruturado e liderado pela engenheira Paula Carvalho.

A história dela com a empresa começou em 2008, quando ingressou como estagiária. Em 2010, tornou-se trainee e subiu os degraus corporativos até assumir a gerência da Área de Orçamento. Após um período fora, Paula retornou à Carioca a convite da diretoria para assumir o desafio de criar a área corporativa de inovação. Essa bagagem profissional permitiu desenhar um modelo de inovação "com os pés no chão", focado em eficiência de processos, gestão de riscos e engajamento direto dos colaboradores.

Estrutura do Carioca Next

O programa sustenta-se em três pilares, garantindo a eficiência e a sustentabilidade da iniciativa. A **Governança da Área**, liderada por Paula Carvalho, estabelece um planejamento estratégico com metas claras e conta com um fundo financeiro exclusivo, impedindo que os recursos da inovação sejam desviados para outras demandas operacionais. Na ponta executiva, a **Rede de Inovação** reúne 25 colaboradores multiplicadores espalhados por diferentes setores e canteiros de obras.

Ideias Next: Valorizando o Talento Interno

Um dos grandes acertos estratégicos do Carioca Next foi a decisão de esgotar o potencial interno antes de buscar soluções no mercado.

Através do subprograma Ideias Next, qualquer colaborador pode submeter sua proposta de inovação. Para evitar qualquer tipo de viés ou favorecimento, o Comitê de Inovação avalia os projetos sem a identificação do autor. Quando aprovada, o colaborador é avisado e participa das reuniões de estruturação do piloto ao lado do seu gestor direto e da área de inovação.

Reconhecimento do Mercado

O modelo eficiente da Carioca Engenharia não demorou a colher frutos. Recentemente, Paula Carvalho foi ranqueada no prêmio TOP 50 Executivos de Destaque em Inovação & Tecnologia 2026, concorrendo entre mais de 300 inscritos em todo o país. Segundo Paula, o diferencial que atraiu a atenção dos jurados foi a capacidade de entregar uma estrutura de governança robusta, com alto impacto operacional e retorno financeiro, operando com um orçamento modesto se comparado aos grandes players do mercado.

A partir de 2027, a empresa planeja lançar desafios abertos ao mercado para solucionar dores operacionais específicas. "Não queremos ser o centro do ecossistema nem ganhar dinheiro investindo em startups. Nosso objetivo prioritário é encontrar soluções excelentes para as dores da Carioca e ajudar o setor da construção civil a evoluir. Em inovação não há concorrentes, as forças se somam", conclui Paula Carvalho.

Com um modelo enxuto, governança transparente e foco absoluto no retorno prático, a Carioca Engenharia demonstra que inovar na engenharia pesada é, acima de tudo, uma questão de método, liderança e valorização das pessoas que estão no canteiro de obras. ⚙️

Números do Carioca Next em 12 meses



120

Ideias Captadas



25

Projetos Piloto



8

Projetos Concluídos



R\$ 2,5M

Em Otimizações



12,5%

De Engajamento dos Colaboradores

CONSÓRCIO CONSTRUTOR GÁVEA ALCANÇA MARCA DE 200 DETONAÇÕES

As obras de expansão da futura estação Gávea alcançaram um marco significativo em julho, realizando a sua 200ª detonação no canteiro de obras da futura estação Gávea.

O avanço é fruto de um planejamento rigoroso e do alinhamento com a cultura de excelência e segurança do consórcio, garantindo a execução contínua dos trabalhos em uma das intervenções urbanas mais importantes da capital fluminense. Quando for concluída e entregue à população, a nova estação terá capacidade para atender cerca de 20 mil passageiros por dia, otimizando a mobilidade urbana e encurtando distâncias na cidade. ⚙️



CONSTRUÇÃO DA ETE TERESÓPOLIS ENTRA EM FASE FINAL

As obras de construção da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Teresópolis atingiram a marca de 80% de execução, um passo decisivo para a infraestrutura e o meio ambiente da região. O projeto entra agora está mobilizando frentes de trabalho focadas nos Tanques de Equalização e nos Reatores, além do avanço na montagem das instalações hidromecânicas, elétricas e de automação, estruturas essenciais para a operação da unidade.

A futura ETE será a primeira estação de tratamento de esgoto da história do município. Com capacidade para tratar 25,9 milhões de litros de esgoto por dia, a estrutura vai atender moradores de cerca de 45 bairros, promovendo um salto histórico no acesso ao saneamento básico e na preservação dos recursos hídricos locais. ⚙️

OBRAS DO CONSÓRCIO LOTE 21 VÃO LEVAR ÁGUA E ESGOTAMENTO SANITÁRIO A 8 MUNICÍPIOS PAULISTAS

O mês de julho começou movimentado com o pontapé inicial das obras do Consórcio Lote 21, composto pela Carioca Engenharia, GEL Engenharia e Eiras Engenharia. Trata-se de um projeto estratégico conquistado recentemente para promover a expansão dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário em diversos municípios do interior paulista.

A cidade de Bragança Paulista foi o ponto de partida dos trabalhos, no bairro do Menin. O início do cronograma no local prevê a construção de um novo reservatório para reforçar o abastecimento de água, além do desenvolvimento de redes coletoras de esgoto e estações elevatórias.

Além de Bragança Paulista, o programa beneficiará a população dos municípios de Joanópolis, Nazaré Paulista, Pedra Bela, Pinhalzinho, Piracaia, Socorro e Vargem. O escopo do projeto abrange a implantação e a modernização de infraestruturas essenciais, contemplando:

- 7 Estações de Tratamento de Esgoto (ETEs);
- 3 Estações de Tratamento de Água (ETAs);
- 69 estações elevatórias;
- Mais de 500 km de redes de abastecimento de água e coleta de esgoto;
- Reservatórios e poços profundos;
- Travessias subterrâneas e outras estruturas complementares. ⚙





Com uma trajetória de mais de 20 anos na Carioca Engenharia, Gustavo Goltsman, Diretor Operacional, iniciou sua história na empresa em 1997 como estagiário e passou por diferentes funções e projetos de infraestrutura, saneamento, mobilidade, portos e metrô. Após deixar a empresa em 2020, atuou no Grupo Águas do Brasil e retornou à Carioca para assumir a Diretoria Operacional. Nesta entrevista, Gustavo fala sobre sua trajetória, seu retorno à empresa e os desafios e perspectivas para a operação.

Como foi sua trajetória na Carioca no passado: quais cargos ocupou, de quais projetos participou, quando saiu da empresa?

Minha trajetória na Carioca foi bastante longa e consistente. Atuei na empresa de 1997 a 2020, passando por diferentes funções técnicas, operacionais, comerciais e de gestão. Iniciei como Estagiário, Engenheiro de Seção Técnica e Engenheiro de Produção, depois assumi posições como Gerente de Engenharia, Engenheiro de Orçamento, Gerente de Contrato, Gerente de Contratação, Gerente Comercial e, por fim, Gerente de Proposta no setor de orçamento.

Ao longo desse período, participei de projetos relevantes de construção civil pesada e infraestrutura, incluindo obras urbanas, saneamento, mobilidade, portos, rodovias, metrô e grandes obras hídricas. Entre os principais projetos, destacam-se Programa Baixada Viva, Rio Cidade Taquara, Construção de 2 unidades da Febem, Programa Baixada Viva II, Implantação do Moinho Aratu, Ampliação do Porto de Cabedelo, Corredor de Ônibus Rio Bonito/Varginha, Recapeamento e 3ª faixas adicionais e acostamentos em 40 Km da SP-425, Porto da ThyssenKrupp CSA, Projeto de Integração do Rio São Francisco, Linha 5 Lilás do Metrô de São Paulo, Largo da Batata, Programa Mananciais, Corredor de Ônibus

Leste-Itaquera, além da atuação nas áreas comercial e de orçamento.

Minha saída ocorreu em outubro de 2020, após mais de 20 anos de atuação na companhia.

Como se deu essa sua volta à empresa?

Minha volta à Carioca aconteceu de forma muito natural. Eu já tinha uma história longa com a empresa, conhecia bem a cultura, os desafios da construção pesada e a forma de atuação da companhia. Depois da minha passagem pelo Grupo Águas do Brasil, acumulando uma visão mais ampla de operação, saneamento, suprimentos, logística e gestão de contratos, surgiu a oportunidade de retornar em um momento em que a Carioca busca agregar valor à sua estrutura operacional e à governança das obras.

Encarei esse retorno como uma oportunidade de contribuir com uma visão mais madura, combinando a experiência que construí anteriormente na própria Carioca com os aprendizados adquiridos fora dela. Volto com o objetivo de apoiar a evolução dos contratos, fortalecer a gestão de obras, trazer mais previsibilidade operacional e ajudar na captura de resultados com disciplina técnica, contratual e financeira.

Ao assumir a Diretoria Operacional, qual foi o primeiro diagnóstico que você buscou fazer? O que era mais importante entender antes de propor mudanças?

Ao assumir a Diretoria Operacional, meu primeiro diagnóstico foi entender a real situação dos contratos: quais obras estavam performando dentro do esperado, quais estavam com desvio relevante e quais exigiam intervenção imediata. Antes de propor qualquer mudança, era fundamental separar percepção de fato, olhando para dados de produção, custo, prazo, riscos contratuais, qualidade da entrega e estrutura de equipe em cada frente.

O mais importante era compreender onde estavam as principais alavancas de resultado: se os problemas vinham de produtividade, escopo, planejamento, custo direto, indireto, relação com cliente, qualidade ou administração contratual. Com essa leitura, foi possível definir prioridades, atuar nos contratos mais críticos e direcionar ações com foco em resultado.

Quais foram os principais pontos que você enxergou como passíveis de ajustes e mudanças?

Os principais ajustes estavam na disciplina de planejamento, no controle econômico dos contratos, na administração contratual e na estrutura de gestão das obras. Também havia necessidade de maior integração entre obra demais áreas da empresa, para que as decisões fossem mais rápidas, técnicas e orientadas a resultado.

O que já foi implementado e o que ainda está por vir?

Algumas ações já foram implementadas. Avançamos no acompanhamento mais próximo dos contratos críticos, na revisão da estrutura de gestão de algumas obras, na redução de custos indiretos onde havia espaço, no início de ajustes de produtividade e na maior integração entre operação, planejamento, suprimentos e administração contratual. Também começamos a fortalecer a leitura econômica dos contratos, olhando não apenas o resultado consolidado, mas os desvios por frente, por escopo e por oportunidade de correção.

O que ainda está por vir é a consolidação dessa agenda como rotina de gestão. Isso passa por aprofundar a administração contratual estratégica, melhorar a previsibilidade das obras, acelerar planos de redução de custo direto, implantar controles econômicos mais aderentes à realidade de cada contrato e fortalecer a governança operacional com indicadores, responsáveis e prazos claros. A ideia é sair de ações pontuais para um modelo mais estruturado, preventivo e orientado à captura de resultado.

Como foi o processo de construção dessas novas rotinas junto às equipes?

O processo foi construído de forma muito próxima das equipes, ouvindo primeiro quem estava na operação e entendendo as dificuldades reais de cada contrato. Eu procurei evitar a criação de rotinas desconectadas da obra; a ideia foi partir dos problemas concretos — produção, custo, prazo, qualidade, escopo e riscos contratuais — e transformar isso em ritos de acompanhamento mais simples, objetivos e com responsáveis claros.

Também foi importante envolver as áreas de apoio, como planejamento, suprimentos, administração contratual e excelência operacional, para que a rotina não ficasse restrita à obra, mas funcionasse como um modelo integrado de gestão. O foco foi dar mais previsibilidade, padronizar a leitura dos contratos e criar uma dinâmica em que os desvios fossem identificados mais cedo e tratados com plano de ação.

Quais resultados ou sinais positivos já podem ser percebidos a partir das mudanças implementadas?

Alguns sinais positivos já começam a aparecer. O primeiro é uma maior clareza sobre a situação real de cada contrato, separando obras que estão dentro do aceitável daquelas que exigem acompanhamento mais próximo. Isso nos permite priorizar melhor energia, tempo e recursos.

Também já percebemos evolução na disciplina de gestão: mais acompanhamento dos contratos críticos, maior integração entre operação e áreas de apoio, ajustes de estrutura em obras específicas e início de ações concretas de redução de custos. Em alguns contratos, já existem ganhos objetivos de produtividade, redução de indiretos e maior previsibilidade na tomada de decisão.

O principal avanço neste primeiro momento é a consolidação de uma dinâmica de gestão mais integrada e estruturada, com maior visibilidade dos contratos, melhor alinhamento entre as áreas e mais consistência na definição das prioridades. Esse movimento já vem contribuindo para fortalecer o controle, apoiar as equipes nas decisões do dia a dia e direcionar a operação com mais foco em resultado.

Que papel a tecnologia, os dados e as ferramentas de gestão têm desempenhado nesse processo de evolução operacional?

A tecnologia e os dados têm sido fundamentais para dar mais visibilidade e consistência à gestão operacional. O objetivo não é substituir a leitura de campo, mas complementar a experiência das equipes com informações mais estruturadas sobre produção, custo, prazo, riscos e evolução dos contratos.

As ferramentas de gestão ajudam a transformar dados dispersos em uma visão mais clara para tomada de decisão: onde há desvio, qual frente precisa de maior atenção, quais custos estão pressionando o resultado e quais ações devem ser priorizadas. Isso permite que a operação atue com mais previsibilidade e menos dependência de percepções isoladas.

Nesse processo, a agilidade proporcionada pela tecnologia tem sido um diferencial para apoiar uma rotina de gestão mais disciplinada: indicadores acompanhados com frequência, planos de ação com responsáveis, análise de tendência e maior integração entre obra, planejamento, suprimentos, administração contratual e diretoria. Quanto melhor a qualidade e a velocidade da informação, maior a capacidade de antecipar riscos, identificar oportunidades e melhorar a performance operacional.

Como a sua experiência profissional fora da Carioca tem contribuído para ampliar o seu olhar sobre a empresa e sobre os desafios da operação?

A experiência fora da Carioca ampliou meu olhar porque me colocou em outro lado da cadeia: o da operação, da concessão e da demanda recorrente por eficiência, qualidade e previsibilidade. No Grupo Águas do Brasil, pude vivenciar de perto os desafios de quem recebe a obra, opera o ativo e precisa garantir desempenho ao longo do tempo. Isso trouxe uma percepção mais completa sobre como decisões de engenharia, prazo, custo e qualidade impactam o cliente depois da entrega.

Além disso, a atuação em suprimentos, logística, gestão de contratos e soluções técnicas me ajudou a desenvolver uma visão mais integrada do negócio. Passei a olhar a operação não apenas pela execução da obra, mas também pela gestão de fornecedores, riscos contratuais, custos, prazos de contratação, disponibilidade de insumos e impacto das decisões no resultado final.

Ao retornar à Carioca, essa experiência tem contribuído para uma leitura mais ampla dos contratos e das oportunidades de melhoria. Hoje consigo conectar melhor a realidade de campo com a visão do cliente, da operação futura e da sustentabilidade econômica do contrato, apoiando decisões mais equilibradas, preventivas e orientadas à performance.

Você trabalhou anteriormente no GAB. Considerando sua vasta experiência em saneamento, como você acredita que isso possa contribuir para esse momento em que a Carioca vem mirando cada vez mais nesse setor?

Minha passagem pelo GAB contribui muito porque me permitiu olhar o saneamento não apenas pela ótica da execução da obra, mas também pela perspectiva de quem opera o ativo depois da entrega. Em saneamento, qualidade, prazo e custo são fundamentais, mas a obra também precisa nascer com visão de operação, manutenção, continuidade do serviço e impacto direto para a população.

Essa experiência ajuda a Carioca neste momento porque o setor exige cada vez mais capacidade técnica, disciplina contratual, eficiência operacional e entendimento das necessidades do cliente concessionário. Ter vivido esse ambiente de operação me permite contribuir com uma leitura mais completa dos contratos, antecipando riscos, entendendo melhor as prioridades do cliente e buscando soluções construtivas que façam sentido não só na implantação, mas também na vida útil do sistema.

Acredito que esse olhar integrado — obra, operação, suprimentos, contratos e performance — pode ajudar a Carioca a se posicionar melhor no setor de saneamento, entregando projetos com mais previsibilidade, qualidade técnica e aderência às demandas de quem vai operar os ativos no longo prazo.

Sua primeira atuação na Carioca se deu há quase 30 anos. Quais as diferenças que você vê na empresa daquela época para agora? O que encontrou de familiar e o que percebeu que mudou nesse reencontro?

A primeira situação que encontrei de familiar foi a essência da Carioca: a cultura de obra, a capacidade técnica, a disposição para enfrentar projetos complexos e o orgulho das pessoas em entregar infraestrutura relevante. Isso continua muito presente. A empresa segue tendo um DNA muito forte de engenharia pesada, com equipes que conhecem o campo e têm capacidade de resolver problemas difíceis.

O que mudou é o contexto em que a empresa opera. Hoje o mercado exige mais governança, mais previsibilidade, mais disciplina contratual, maior controle de custos e uma leitura mais integrada entre obra, planejamento, suprimentos, administração contratual e resultado. A engenharia continua sendo central, mas ela precisa caminhar cada vez mais

conectada com dados, gestão de riscos, compliance, performance e relacionamento com o cliente.

Nesse reencontro, vejo uma Carioca com a mesma base técnica que sempre marcou sua história, mas diante de desafios diferentes. A oportunidade agora é combinar essa experiência histórica em grandes obras com uma gestão mais estruturada, mais preventiva e mais orientada à captura de resultado. Para mim, esse equilíbrio entre tradição de engenharia e evolução da gestão é um dos pontos mais importantes deste momento.

Depois desse reencontro, o que mais te dá orgulho de fazer parte novamente da Carioca?

O que mais me dá orgulho é perceber que a Carioca continua sendo uma empresa com uma história muito forte de engenharia, construída por pessoas que têm compromisso real com a obra e com a entrega. Voltar e encontrar esse espírito ainda presente — de enfrentar desafios complexos, buscar soluções em campo e entregar infraestrutura relevante — é algo muito marcante.

Também me dá orgulho poder contribuir em uma fase em que a empresa está olhando para frente, buscando evoluir sua gestão, fortalecer seus contratos e ampliar sua presença em setores importantes, como saneamento e infraestrutura urbana. É uma oportunidade de devolver para a companhia parte da experiência que construí aqui e trazer novos aprendizados adquiridos fora.

No fim, o maior orgulho é fazer parte novamente de uma empresa que tem capacidade técnica, história e gente preparada para construir projetos que deixam legado. Para mim, retornar à Carioca é também participar de um novo ciclo, ajudando a conectar a tradição da engenharia pesada com uma gestão cada vez mais estruturada, eficiente e orientada a resultado.

O que você aprendeu nesse primeiro ciclo de trabalho que gostaria de levar para os próximos anos?

Esse primeiro ciclo reforçou para mim que, em operações complexas, antes de mudar algo é preciso entender profundamente a realidade dos contratos, ouvir as equipes e separar percepção de fato. Cada obra tem sua dinâmica, seus riscos e suas particularidades, e as melhores decisões surgem quando conseguimos combinar a leitura de campo com dados, disciplina de gestão e visão contratual.

Também aprendi que evolução operacional não acontece apenas com grandes mudanças estruturais, mas com consistência nas rotinas: acompanhamento próximo, clareza de prioridades, integração entre áreas, planos de ação bem definidos e cobrança contínua sobre os pontos que realmente impactam o resultado. Para os próximos anos, levo a convicção de que a Carioca tem uma base técnica muito forte e que o grande caminho está em potencializar essa capacidade com mais previsibilidade, mais administração



2007

contratual, mais controle econômico e mais integração entre as equipes. O aprendizado principal é que resultado sustentável vem da soma entre engenharia, gestão e cultura de dono.

Existe alguma prática ou comportamento que você considera essencial para fortalecer, no dia a dia, o "Jeito Carioca de fazer"?

A prática mais essencial é ter presença real na obra. O 'Jeito Carioca de fazer' passa por estar próximo do campo, entender o problema na origem, ouvir as equipes e tomar decisões com senso de responsabilidade sobre prazo, custo, qualidade e segurança. Em engenharia pesada, não existe gestão eficiente distante da realidade da execução.

Também considero fundamental a disciplina de compromisso: aquilo que é combinado precisa ser acompanhado, cobrado e entregue. Isso vale para planejamento, qualidade, cliente, fornecedores e para o próprio time. Credibilidade se constrói no dia a dia, quando a empresa demonstra que tem palavra, método e capacidade de execução.

Por fim, acredito que o comportamento mais importante é agir com visão de dono. Cada decisão precisa considerar o impacto no contrato, na obra, no cliente e na imagem da Carioca. Fortalecer o 'Jeito Carioca de fazer' é unir técnica, presença, responsabilidade e colaboração para transformar desafios complexos em entrega concreta. ⚙



2005



CURTAS



O consórcio construtor da BR-364 concluiu a reconstrução estrutural 13 quilômetros de pista do anel viário de Ji-Paraná (RO), dois anos antes do prazo previsto. A intervenção entregou uma via mais moderna, segura para a região e mobilizou mais de 200 colaboradores.

O Consórcio Construtor Gávea recebeu alunos de Engenharia Civil da Universidade de Nebraska-Lincoln para uma visita ao canteiro da futura estação. Acompanhados engenheiros da Carioca Engenharia e pela equipe técnica do consórcio, os estudantes participaram de uma apresentação sobre a complexidade e os métodos construtivos do projeto, além de percorrerem os quilômetros de túneis escavados para conhecer as frentes de trabalho, as áreas de escavação e o ponto das detonações.



No último dia 10 de junho, a ampliação da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Donana foi inaugurada, um marco para o saneamento básico na Baixada Campista. A modernização triplicou a capacidade da unidade, que agora passa a tratar 52 litros de esgoto por segundo, utilizando a tecnologia BRC (Biorreator Combinado Anaeróbio-Aeróbio de Biofilme Fixo) para garantir a máxima eficiência no processo. A unidade, que já atende 3.700 economias nos bairros Imperial e Donana, agora está estruturada para beneficiar mais 3.300 economias nas localidades de Tropical, Goitacazes, Nova Goitacazes, Bugalho, Real e Romana.

As obras do acesso ao Porto Novo, executadas pelo Consórcio Construtor da BR-364, seguem em ritmo acelerado em Porto Velho. Com 34,5 Km de extensão, o novo trecho é estratégico para otimizar o transporte de mercadorias até os terminais do Rio Madeira, aumentando o escoamento da produção agrícola nacional por meio do Arco Norte. Além de ampliar a eficiência logística regional, a intervenção será positiva na rotina da capital. A nova estrutura vai retirar diariamente cerca de 1,2 mil veículos pesados das vias urbanas e da Estrada da Penal, reduzindo congestionamentos, aumentando a segurança no trânsito e minimizando o risco de acidentes.



A obra da ETE Itamarati (RJ) concluiu a etapa de concretagem da laje de fundo do biorreator, principal estrutura da futura Estação de Tratamento de Esgoto. Em uma operação contínua de 15 horas que exigiu alto nível de planejamento e segurança, foram lançados 230 m³ de concreto com o apoio de 30 caminhões betoneira. Quando concluída, a Estação de Tratamento beneficiará mais de 40 mil habitantes em Petrópolis, promovendo mais saúde, sustentabilidade e qualidade de vida para a população local.



79 anos

Legado em Concreto

Uma trajetória que ajudou a construir a infraestrutura brasileira.

De 1980 até 1999

O Legado em Concreto, que celebra a trajetória da Carioca Engenharia sob uma perspectiva histórica, chega à sua segunda edição.

Se na etapa inicial revisitamos o marco da fundação e o período de consolidação, este novo capítulo mergulha em um dos períodos mais dinâmicos e transformadores da companhia: as décadas de **1980** e **1990**.

Nessa fase, a Carioca Engenharia expandiu sua atuação e consolidou sua presença na infraestrutura nacional através de realizações que marcaram o desenvolvimento urbano e logístico do país, mantendo sempre o compromisso com a excelência e a construção de um legado sólido.

Principais marcos

Década de 1980



Entre 1983 e 1984, a Carioca liderou o consórcio que construiu a **Praça da Apoteose**, projetada por Oscar Niemeyer, concluindo-a em apenas quatro meses.

CIEP's

O projeto de escolas públicas de tempo integral foi idealizado pelo antropólogo Darcy Ribeiro, implementado nos governos de Leonel Brizola e com arquitetura assinada por Oscar Niemeyer.

A Carioca construiu dezenas de unidades no Estado do Rio durante esta década. Além da produção dos pré-moldados usados por outras empreiteiras na construção de diversas unidades.





Penitenciária Bangu I e II (RJ)

Em 1986 a Carioca iniciou a construção de presídios com o **Bangu I**, no Rio, com 48 celas. Posteriormente, em 1988, **Bangu II** com 576 celas, totalizando 36 mil metros de área construída.

1988

Primeira obra de rodovias em São Paulo. Restauração e manutenção da **Rodovia Castello Branco**, principal ligação entre as regiões Metropolitana e o Oeste da capital paulista.



Um dos movimentos mais ousados da história da empresa ocorreu em 1988, quando a Carioca comprou a construtora dinamarquesa Christiani-Nielsen.

A aquisição incorporou a expertise de uma empresa que estava no Brasil desde 1917 e foi responsável por obras como o **Maracanã (RJ)**, **Estádio de São Januário (RJ)**, **Elevador Lacerda (BA)** e **Barragem do Funil (RJ)**.



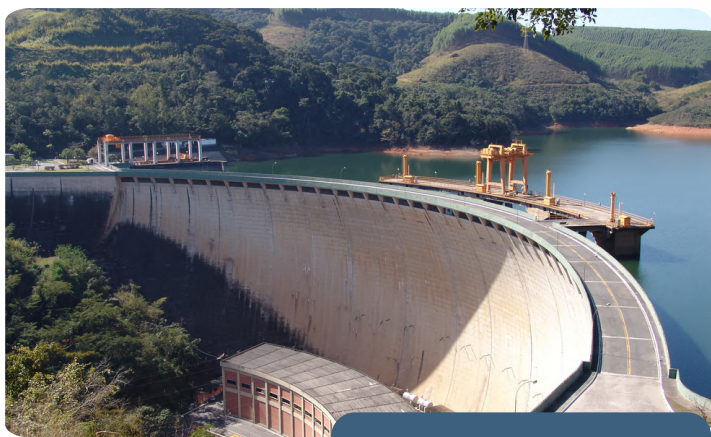
Elevador Lacerda



São Januário



Maracanã



Barragem do funil

A Carioca incorporou o patrimônio técnico e histórico, habilitando-a a disputar obras de alta complexidade, como terminais marítimos, devido à expertise acumulada pela empresa dinamarquesa ao longo de décadas no Brasil.

Década de 1990

Início de programas intensivos de desenvolvimento profissional e projetos sociais como o **"Alfabetizar é Construir"**: alfabetização nos canteiros de obras.



Usina de Lixo do Caju

Em 1991, a empresa trabalhou na construção desta unidade no Rio de Janeiro, local onde também implementou o projeto de alfabetização de operários "Alfabetizar é Construir".

1992

Fusão entre as duas empresas, resultando na criação da Carioca Christiani-Nielsen Engenharia (CCNE).



carioca
CHRISTIANI-NIELSEN
engenharia



1996

Bangu III primeira obra pública do Rio a receber certificação ISO 9002.

Shopping Barra Point

Empreendimento imobiliário cujos serviços de construção foram realizados na década de 90, recebendo certificação de qualidade entre 1994 e 1997.



Implementação do Programa de Desenvolvimento Profissional (PDP) e início de programas de formação de futuras lideranças em 1997.

Uma trajetória construída junto com a Carioca

Quando **Roberto Moscou** entrou na Carioca, em 1973, a empresa ainda era pequena diante dos desafios que viria a assumir. Ao longo das décadas seguintes, ele acompanhou e esteve diretamente à frente de obras que ajudaram a ampliar a atuação da companhia, abrir novos mercados e desenvolver uma cultura interna que permanece presente até hoje.

Contratado inicialmente como estagiário, Moscou alçou diversas posições dentro da empresa antes de chegar à Diretor Geral, cargo que ocupou até sua saída, em 2015. De lá para cá, o executivo seguiu acompanhando de perto a evolução da companhia como conselheiro. Nesta edição do especial “Legado em Concreto”, Moscou revisitou essa história e destacou uma característica que, em sua avaliação, sempre diferenciou a Carioca: a capacidade de olhar para o que vem pela frente e se preparar para oportunidades antes que elas estejam completamente desenhadas.

har para o que vem pela frente e se preparar para oportunidades antes que elas estejam completamente desenhadas.

Uma empresa mais preparada

Ao longo dessa trajetória, muitos projetos representaram oportunidades de aprendizado para a empresa e para o profissional. Foi assim com os CIEPs, que levaram à criação de uma fábrica de pré-moldados que ajudou a expandir o projeto para o estado do Rio, e com a Linha Vermelha, que ampliou a experiência da Carioca em obras de arte especiais.

“Fomos crescendo degrau por degrau e os novos desafios aumentaram nosso conhecimento e ajudaram a sustentar o próximo passo”, relembra. A estratégia esteve presente na entrada em novos segmentos, na expansão regional e em projetos que exigiram conhecimentos até então pouco explorados pela Carioca.

O crescimento exigiu investir em quem estava por trás das obras e também na gestão. Vieram novos processos, treinamentos e especialistas. “Melhoramos demais nossa forma de gerir o negócio. A empresa cresceu muito, então tivemos que implementar algo muito mais profissional e sempre promovendo um ambiente em que as pessoas pudessem se desenvolver, expor suas ideias. Esse crescimento também exigiu investir em quem estava por trás das obras. A formação de profissionais dentro de casa ganhou força, especialmente com o programa de trainee. Nos tornamos mais preparados para a evolução que estava por vir. Sem gente, você não vai a lugar nenhum.”, conta.

Ao revisitar as décadas de crescimento, Moscou é enfático ao apontar o momento mais importante: a compra da Christiani-Nielsen em 1988. “Foi o maior passo que a gente deu”, afirma, destacando que a aquisição abriu as portas para as áreas marítima e portuária, segmentos nos quais a Carioca não atuava.

O que permanece

“Independentemente das fases e mudanças que passamos, nossa essência sempre esteve representada nos pilares segurança e qualidade sob todos os aspectos. E não somente nas obras, mas também na nossa forma de agir. Ousadia faz parte da vida empresarial, mas em todos os movimentos que fizemos sempre estivemos com o pé no chão.”

Depois de 53 anos de trajetória, sua relação com a Carioca permanece marcada pelo orgulho e pelo sentimento de pertencimento: “Valeu demais trabalhar aqui esse tempo todo. Eu adorava trabalhar na Carioca e adoro até hoje.”

Uma história construída em grandes obras, desafios e transformações — mas, sobretudo, com pessoas, conhecimento e valores que atravessam gerações.

10 MANDAMENTOS PARA A VIDA PROFISSIONAL, SEGUNDO ROBERTO MOSCOU

1. Ter vontade/gana

- Querer muito que as coisas aconteçam: só isto não basta, as ações e os processos devem ser monitorados.
- Ter sempre grandes e pequenos desafios (busca do estímulo).
- Manter sempre vivos os alvos pessoais: na carreira e na vida pessoal.
- Perseverar sempre: não tem “bola perdida”.
- Não esmorecer nunca, amanhã vai ser sempre melhor.

2. Ter ambição

- Melhorar sempre como pessoa.
- Melhorar sempre como profissional.

- Ganhar bastante dinheiro (esta ordem é importante).

3. Ser "LOW PROFILE"

- Ser discreto é fundamental.
- Falar tudo que se sabe e muitas vezes o que não se sabe, pode atrapalhar muito nos negócios.
- Se "ficar mudo" não o incomoda, isto pode ser uma boa tática.
- Ser Simples sem dispensar o Sofisticado.
- Se você é realmente bom, as pessoas sabem ou vão descobrir rápido. Você não precisa ficar fazendo propaganda.

4. Ser exigente

- Com as pessoas é básico para se ter qualidade nos processos.
- Com você mesmo é fundamental para o seu crescimento e para o balizamento da carreira.
- Ser exigente gera stress sim. Mas será que é possível viver e vencer sem stress?

5. Ter concentração/foco

- O voo de helicóptero é somente para se detectar o alvo. Descoberto o problema, ir o mais fundo possível até resolver.
- Perguntar sempre: qual é o problema? Qual é a essência? o que está por trás dos fatos?
- Tudo deve ter um dono.
- Querer fazer tudo e estar em todas é uma tentação perigosa, dissipa a energia.
- Reconhecer suas vantagens e desvantagens competitivas e não se afastar daquilo que deve ser feito.

6. Trabalhar duro

- Sempre com alegria (se não vira tédio).
- Cuidar muito da motivação.
- Chegar primeiro e sair por último.

7. Ter autoconfiança

- É uma característica alimentada por todo um processo de preparação psicológica e intelectual. Não nasce do nada.
- É fundamental nos momentos decisivos.
- Dá Coragem: "A ideologia militar confunde valentia, que é a negação do medo, com a coragem, que é o assumir o medo". Ser corajoso é ser capaz de agir e de decidir apesar do medo.
- Atualmente é decisiva nos processos de seleção dos profissionais.

8. Ter flexibilidade

- Para aprender/desenvolver novas coisas, novos negócios.
- Para lidar com Clientes/Pessoas cada vez mais bem preparados.
- Para desenvolver mais funções ao mesmo tempo.

- Para trabalhar em equipe, ora sendo chefe, ora sendo apoio, ora sendo subordinado, independente do cargo que ocupa.
- Para atender as novas exigências do mundo na maneira de tratar as pessoas, o meio ambiente, etc.
- Para ter a mobilidade necessária.

9. Ética e imagem valem ouro

- No campo dos Negócios é o que vale no longo prazo. A nossa Marca demanda anos de investimento na sua construção, portanto deve ser sempre preservada a qualquer custo.
- No campo pessoal deve ser a base de tudo: você está sempre sendo observado dentro e fora da sua Empresa, o Mercado é implacável.

10. Cuidar do Autodesenvolvimento

- Ter humildade para aprender é um excelente começo.
- Ler artigos, livros, revistas e tudo mais, é indispensável.
- Falar no mínimo dois ou três idiomas é básico.
- Não desperdiçar nunca oportunidades de treinamento (formal ou informal).
- Conseguir retirar do mais Senior toda a sua experiência/vivência.
- Lembrar que a nossa verdadeira riqueza é portátil e que sempre a levamos conosco (Investimento que mais se valoriza).
- Lembrar que hoje existem três tipos de categorias de profissionais: os competentes, os superiores e os excelentes.



- Roberto Moscou